

COMPARAÇÕES E CONTRASTES ENTRE
O GREGO E O LATIM COMO ESTRATÉGIA
EXPLICATIVA NO *DE CONSTRUCTIONE*,
DE PRISCIANO (SÉC. VI D.C.)¹

Fábio da Silva Fortes*

1. Gostaria de agradecer aos pareceristas pelas observações criteriosas e pelas excelentes sugestões bibliográficas, que permitiram o aperfeiçoamento desse trabalho. As falhas que permanecem são de nossa responsabilidade.

* Professor Adjunto de Grego Clássico e Latim. Departamento de Letras/ Faculdade de Letras/UFJF

RESUMO: A aposição de elementos gregos e latinos engendra, no *De constructione*, frequentes comparações e contrastes entre os dois sistemas linguísticos, procedimento que representa um artifício de explicação gramatical amplamente utilizado pelo gramático latino. Neste artigo, examinamos dois tipos de comparações que podemos observar nessa obra: aquelas do tipo “inventário”, que se verificam pela mera justaposição de vocábulos, expressões ou sentenças de ambas as línguas, com o objetivo de ilustrar semelhanças entre aspectos gramaticais do grego e do latim, e aquelas que compreendem “análises translinguísticas”, que pretendem explicar diferenças gramaticais entre o latim e o grego. Pretendemos mostrar que, através dessas comparações e contrastes, Prisciano elabora um discurso teórico que resulta da síntese entre as duas línguas, cujo propósito – a ser melhor investigado –, parece ser o de produzir uma aproximação simbólica do oriente (grego) ao ocidente (latino).

PALAVRAS-CHAVE: Prisciano; gramática greco-romana; comparações.

COMPARISONS AND CONTRASTS BETWEEN
THE GREEK AND LATIN LANGUAGES AS AN
EXPLICATIVE STRATEGY IN THE
DE CONSTRUCTIONE, BY PRISCIAN (C. VI A.D.)

ABSTRACT: The apposition of Greek and Latin elements within the *De constructione* engenders frequent comparisons and contrasts between both linguistic systems. In this article, we aim at examining two different types of comparisons in

Priscian: the one which we call “inventory”, represented by the mere juxtaposition of words, expressions and sentences from both languages, with the objective of illustrating the similarities of grammatical aspects of Latin and Greek; and the other which we call “cross-linguistic analysis”, which aims at explaining grammatical differences between both languages. We intend to show that Priscian provides us with a theoretical discourse resulting from the synthesis of both languages, whose aim – to be better investigated in the future – must be producing a symbolic approach from East (Greek) to West (Latin).

KEYWORDS: Priscian; Greek-Roman grammar; comparisons.

INTRODUÇÃO

Na introdução do Livro XVII das *Institutiones grammaticae*, Prisciano apresenta uma breve reflexão sobre o procedimento de composição de seu tratado gramatical. Citando, uma vez mais, Apolônio Díscolo (séc. II d.C.), o gramático latino reitera a proposta de “seguir-lhe os passos”, sem deixar de acrescentar, se fosse necessário, outros elementos de autores gregos e latinos:

2. Cf. *Quoniam in ante expositis libris de partibus orationis in plerisque Apollonii auctoritatem sumus secuti, aliorum quoque siue nostrorum siue Graecorum non intermittentes necessaria et si quid ipsi quoque noui potuerimus addere, nunc quoque eiusdem maxime de ordinatione siue constructione dictionum, quam Graeci σύνταξις uocant, uestigia sequentes, si quid etiam ex aliis uel ex nobis congruum inueniatur, non recusemus interponere.*

3. Os dois últimos livros das *Institutiones grammaticae* de Prisciano, que se debruçam sobre o exame da “sintaxe”, são conhecidos pela tradição, e doravante chamados por nós, como *De constructione*.

Visto que, nos livros outrora propostos sobre as partes da oração, seguimos, na maior parte, a autoridade de Apolônio, além disso, se pudemos também acrescentar-lhe alguma coisa de novidade – do mesmo modo, sem omitir elementos necessários de outros, quer dos nossos, quer dos gregos –, não nos recusemos agora também a inserir, caso seja considerado conveniente, algo dos outros ou dos nossos acerca da ordenação ou construção das palavras, que o gregos chamam de σύνταξις, seguindo, ainda, os passos daquele o quanto possível.² (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 107,1-108,4)

A obra a que Prisciano poderia se referir ao aludir a Apolônio por ocasião da escrita de um tratado sobre sintaxe³ é, sem dúvida, os livros sobre sintaxe grega desenvolvidos por aquele autor – o Περὶ σύνταξεως. Embora tenha se tornado um “lugar comum” apontar as relações entre Prisciano e Apolônio (Lallot, 2009; Schmidhauser, 2009; Robins, 1993; Schönberger, 2009), assim como sobre o

papel da língua grega e do bilinguismo na constituição do discurso gramatical latino (Swiggers & Wouters, 2007; Desbordes, 2007), não deixa de causar assombro a maneira como Prisciano se apropria dos conceitos presentes em Apolônio, em prol da elaboração de uma nova sintaxe, bem como apõe, em profusão, elementos gregos e latinos ao desenvolver uma obra que, teoricamente, deveria versar sobre a sintaxe “do latim”.

Produzido em Constantinopla, onde Prisciano teria ocupado algo como uma “cátedra de latim” de sua “universidade”,⁴ o *De constructione* destinava-se a um público que, em sua maioria, não conhecia o latim como língua materna, mas certamente era usuário do grego como a *lingua franca* mais falada e hegemônica na região, e que, provavelmente, tinha algum interesse em se aperfeiçoar no domínio do latim, idioma que ainda gozava de algum prestígio simbólico,⁵ empregado no direito e no âmbito das instituições romanas (Robins, 1993; Rochette, 2007).

Dessa forma, ainda que o contexto sociolinguístico de Constantinopla à época de Prisciano não nos permita admitir um “bilinguismo de fato”, mas algo como um projeto de bilinguismo,⁶ podemos assumir que, no âmbito do discurso gramatical,

a comparação sistemática com a língua grega, a presença de glosas explicativas do latim pelo grego, a referência ao modelo sintático de Apolônio Díscolo e seu filho Herodiano, assim como o recurso às citações tiradas da literatura grega, representam indícios claros, em Prisciano, desse contexto sociolinguístico. (Garcea & Giavatto, 2007, p. 72)⁷

Neste artigo, que resulta do desenvolvimento de algumas análises apresentadas em nossa tese de Doutorado (2012), pretendemos avaliar, particularmente, as comparações e contrastes entre o grego e o latim presentes no *De constructione*, que se realizam por intermédio de duas formas de recorrência ao grego: uma do tipo “inventário”, com a mera aposição de termos, palavras ou exemplos gregos e latinos, e outra, que chamamos de “análise translinguística”, por resultar em uma reflexão comparativa mais elaborada entre os dois sistemas.

4. Não aludimos aqui ao conceito moderno de universidade, que, em geral, pode ser considerado um desenvolvimento ocidental, datado da passagem da Idade Média para a Moderna. Antes, trata-se de instituição, cuja fundação se credita a Teodósio II, em 425, que oferecia instrução do “tipo universitário” (Cameron, 2009, p. 140; Biville, 2008, p. 39; Oikonomides, 1999, p. 49), que tinha como escopo formar a elite intelectual de onde eram egressos os funcionários imperiais. Não se estranha a permanência de uma “cátedra de latim” em uma região onde jamais se deixou de ter o grego como a mais importante língua falada, mas onde, precisamente, sob Justiniano, se elaborou o mais importante *corpus* jurídico da época, o *corpus iuris ciuilis*.

5. A permanência de uma necessidade realmente prática do latim em Constantinopla à época de Prisciano é questionável. Embora seu prestígio, provavelmente, tenha sido recuperado do ponto de vista ideológico, com o interesse que os imperadores latinófilos (Justino e Justiniano) demonstraram pelo Ocidente (Treadgold, 1997, p. 174: “Under Justin, the first native speaker of Latin to rule since Theodosius I, the imperial government took much more interest in the West.”), pode-se questionar a eficácia de seu uso prático mesmo administrativamente, em face ao grego. O próprio Justiniano teria abandonado seu projeto

de publicar textos em latim, considerando que não haveria público suficiente na cidade capaz de compreendê-los: “It is hard to say when the eastern empire ceased to be functionally bilingual. Already in the first half of the sixth century Justinian I declared that he would not have his *Novellae* written in his ‘ancestral tongue’ (i.e. Latin), but rather in the ‘common language of the Greeks’, because he wanted the law to be understood by all, by ‘the people’” (Oikonomides, 1999, p. 49).

6. Cf. Oikonomides, 1999, p. 49: “It is certain that at the moment of the transfer of the capital in the East, high hopes prevailed that the empire would be at least functionally bilingual. This dream of bilingualism is manifest during the early centuries, as is shown by the reorganization of superior teaching in Constantinople under Theodosios II (425) or by the legislation of Justinian. But in time, individuals knowing Latin become rare in Constantinople. Emperor Romanos III Argyros of the eleventh century prided himself for knowing Latin, but what he knew he had learned because he was a jurist interested in Roman legislation, not in Latin culture. On the contrary, all the great scholars of tenth and eleventh-century Constantinople, such as Arethas of Caesarea, Michael Psellos, John Mauropous, Constantine Leichoudes ignored this language”.

É nossa meta mostrar como, ao lançar mão dessas duas estratégias de comparação entre as duas línguas, Prisciano logra desenvolver não somente um procedimento próprio de abordagem da sintaxe do latim, mas também, por gerar análises comparativas, acaba por se afastar de seu modelo, produzindo uma sintaxe não propriamente “latina”, mas greco-latina. Seguimos a edição de M. Hertz, constante dos *Grammatici Latini* (Keil, 1981 [1855-1880]), cuja homogeneidade assumimos, desconsiderando, em virtude da limitação deste trabalho, os problemas de transmissão e edição do texto (que são tratados por Krehl, 1820; Gibson, 1992, Holtz, 2009 e, evidentemente, pelo editor que seguimos Hertz, 1981).

O PAPEL DO GREGO NAS GRAMÁTICAS LATINAS: BREVES COMENTÁRIOS

No *corpus grammaticorum Latinorum*, a prática de comparação entre o grego e o latim derivava do princípio, geralmente abonado pelos gramáticos, de que o latim e o grego eram línguas algo aparentadas (a “teoria” do *utraque lingua*), do que decorria a “natural” recorrência ao grego como um mecanismo de explicação de princípios gramaticais análogos, e como uma forma de demonstração de fatos da língua latina (Desbordes, 2007, p. 112; Biville, 2008, p. 39; Fögen, 2003, p. 17). No século I a.C., Varrão já registrava a comparação com o grego como uma estratégia de evocar a língua considerada mais antiga, pela qual os romanos tinham admiração, para fortalecer seus argumentos, de certa forma polêmicos, tais como a defesa da analogia como mecanismo de organização da linguagem:

Por acaso não vês que os gregos, assim como nós, possuem as palavras divididas em quatro grupos, um onde há a categoria de caso, outro onde há tempo, um terceiro onde não há uma coisa nem outra e, ainda, um quarto onde há ambos? E também não sabes que os verbos, entre eles, são alguns finitos e outros não, assim como também existem os dois tipos entre nós? De fato, também não duvido de que observas, do mesmo modo, naquela

língua, um número muito semelhante, como os três tempos verbais, as três pessoas do verbo.⁸ (Varrão, *De ling. Lat.*, IX, 31)

Seja por um automatismo da tradição dos tratados técnicos latinos, cuja terminologia e conceitos foram inicialmente apropriados das τέχναι gregas, seja pelo fato de a cultura grega ser evocada como argumento de autoridade, seja, ainda, pela familiaridade dos romanos com a língua grega em um contexto cultural que se tornara crescentemente “greco-romano” após a “helenização da cultura romana”, ocorrida entre os séculos III e I a.C. (Meillet, 2009, p. 191; Veyne, 2009), o fato é que o recurso a comparações entre o grego e o latim se tornou uma prática nos gramáticos tardios dos séculos IV a VI, embora em maior ou menor grau, a depender do contexto de produção da obra e do público.

Macróbio, gramático do século V, recorre à comparação entre o grego e o latim como o fundamento de sua obra *De differentiis et societatis Graeci Latinique uerbi*, obra que, como o nome indica, pretende fazer uma comparação exaustiva das semelhanças e diferenças entre o grego e o latim, um curioso tratado que seria, com o perdão do anacronismo, um compêndio de “gramática comparativa” *avant la lettre*. Como justificativa teórica para a comparação entre as duas línguas, Macróbio apresenta, em seu prefácio, a exposição daquele princípio mencionado há pouco – o *utraque lingua* – segundo o qual a identidade entre um e outro sistema linguístico resulta “natural” por se tratarem de línguas aparentadas, crença que a semelhança categórica entre ambas só faz reforçar:

A natureza deu às línguas grega e latina um parentesco muito próximo. Com efeito, com exceção do artigo, que somente a grega possui, uma e outra língua se caracterizam pelas mesmas partes da oração, assim como por quase todas as regras, figuras e construções, de forma que alguém que tiver aprendido qualquer uma das duas gramáticas, terá aprendido ambas. Porém, elas também se diferenciam em muitas coisas, e possuem certas propriedades, que se dizem, em grego, *idiomata*.⁹ (Macróbio, *Diff.*, GL V, 599)

7. Cf. “La comparaison systématique avec la langue grecque, la présence des gloses explicatives du latin par le grec, la référence au modèle syntaxique d’Apollonius Dyscole et de son fils Hérodien, ainsi que le recours aux citations tirées de la littérature grecque représentent des indices clairs, chez Priscien, de ce contexte sociolinguistique”.

8. Cf. *An non uides, ut Graeci habeant eam quadripertitam, unam in qua sint casus, alteram in qua tempora, tertiam in qua neutrum, quartam in qua utrumque, sic nos habere? Ecquid uerba nescis ut apud illos sint alia finita, alia non, sic utraque esse apud nos? Equidem non dubito quin animaderteris item in ea innumerabilem similitudinem numerum, ut trium temporum uerba, ut trium personarum.*

9. Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimae cognitionem natura dedit. Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, idem paene obseruationibus figuris constructionibusque uterque sermo distinguitur ut propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit: in multis tamen differunt, et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.*

Embora a obra de Macróbio, produzida no século V, apresente exaustivas comparações entre as duas línguas, segundo Desbordes (2007, p. 110 *et seq.*), enquanto as primeiras descrições do latim recorriam mais amiúde à língua grega, aos poucos essa prática teria se tornado residual nos manuais de gramática, como consequência de um conhecimento cada vez menor do grego na parte ocidental do Império Romano, e da elaboração de um discurso gramatical propriamente “latino”.¹⁰ É por esse motivo que, por exemplo, *artes grammaticae* produzidas no ocidente a partir do século IV, como a de Donato, fazem escassa referência à língua grega ou, quando o fazem, limitam-se a reproduzir exemplos cristalizados e consagrados pela tradição do gênero.

10. Por essa razão, talvez possamos considerar a obra de Macróbio como um exemplo daquilo que se convencionou chamar, entre os historiadores, do *revival* classicista dos séculos IV-V d.C., espécie de movimento anticristão, no intuito de reafirmar valores greco-romanos éticos e estéticos em detrimento dos correntes cristãos (Momigliano, 1963; Cameron, 2004).

11. Cf. Cameron, 1993, p. 152: “The culture that was handed on this way was strictly classical in character, still based on the standard authors – in Latin, Cicero, Sallust, Livy, Horace and Virgil. (...) Though there was no state system in a modern sense, teachers were nevertheless granted privileges by the state, and in AD 425 the Emperor Theodosius II founded a ‘university’ in Constantinople; the subjects taught were ‘Latin Eloquence’, divided into oratory and grammar, and ‘Greek *facundia*’ (a different word for the same thing), the teaching of which was divided between sophists and grammarians (...)”

No entanto, poderíamos dizer que a situação é oposta quando se trata de autores que produziram no oriente, como Diomedes e Prisciano: nestes, mais que a permanência de uma “tradição textual”, a referência à língua grega revela, antes, uma estratégia de composição que diz algo acerca do público a que se destinavam tais obras – público que conhecia, sobretudo, a língua grega e que, ao enfrentar o estudo do latim, talvez requisitasse uma linguagem técnica gramatical que refletisse a presença das duas línguas (Swiggers & Wouters, 2007, p. 28), em que pese o fato de que tanto o Ocidente, quanto o Oriente, eram, na prática, regiões multilíngues (Hingley, 2010), em que, evidentemente, os variados idiomas não tinham o mesmo valor social. Assim, pode-se assumir que, do ponto de vista sociolinguístico, o latim e o grego mantinham-se em situação de relevo, fato que se revela até na constituição das cátedras criadas para seu ensino em Constantinopla.¹¹ No caso de Prisciano, podemos aventar que esse projeto de bilinguismo revelado na constituição de sua obra gramatical possa corresponder a possível estratégia “retórica” de aproximação entre o grego e o latim como uma contrapartida simbólica, no plano das línguas, de uma unificação entre o ocidente latino e o oriente grego, de acordo com as tentativas de restauração da unidade política levada a termo pela política externa de Justiniano (Baratin, 1989, p. 389; Lemerle, 1991, p. 45).

Sem nos aprofundarmos nessa última questão, que requer uma análise historiográfica mais rigorosa, que,

definitivamente, não é o caso deste trabalho, vejamos, no próximo item, como essa aproximação entre o grego e o latim, por meio das comparações e dos contrastes apresentados ao longo do *De constructione*, permite a Prisciano transcender os limites teóricos e empíricos do modelo que afirma seguir, o Περὶ συντάξεως, de Apolônio Díscolo, em prol da elaboração de uma reflexão sintática “comparativa” ou “greco-romana”.

COMPARAÇÕES E CONTRASTES NO *DE CONSTRUCTIONE*

Em várias passagens da obra de Prisciano, o texto de Apolônio é sintetizado e contrastado com fenômenos codificados em latim, não somente para identificar a semelhança entre os dois sistemas linguísticos, mas também, em alguns casos, para observar as diferenças entre as duas línguas. De forma ampla, as comparações entre as duas línguas representam um procedimento de elaboração do texto de Prisciano sem equivalente na obra de Apolônio,¹² que podemos categorizar em dois tipos:

- 1) *inventário*, realiza-se tanto através do simples elenco de itens lexicais para exemplificar a correspondência entre pontos gramaticais, reforçando a identidade entre o grego e o latim e/ou funcionando como espécie de corolário de alguma explanação teórica, sem análise posterior, quanto através da citação consecutiva de versos latinos e gregos (presentes, sobretudo, na parte final do livro XVIII);
- 2) *análise translinguística*, mediante apresentação de exemplos das duas línguas usados no corpo da discussão teórica, seja para reforçar, também, a equivalência entre ambas (*utraque lingua*), seja para sublinhar as diferenças entre aspectos particulares do grego e do latim, como, por exemplo – que examinaremos adiante – as consequências teóricas da ausência de artigos em latim e os participios.

12. Fato que se explica, em parte, pelo fato de a cultura grega bizantina fechar-se em si mesma, em um certo “complexo de superioridade”:
“Byzance, hautaine, s’enfermait de plus en plus en elle-même, mûe par un manifeste complexe de supériorité: supériorité politique et religieuse mais, surtout, supériorité morale et intellectuelle. Cette attitude contrastait nettement avec celle de certains Européens d’Occident qui, bien qu’ignorant le grec eux-mêmes, se donnaient toutes les peines du monde pour le traduire.” (Oikonimedes, 1999b, p. 10).

COMPARAÇÕES DO TIPO “INVENTÁRIO”

Vejamos alguns exemplos, inicialmente, de citações gregas e latinas que configuram “inventário”:

13. A nomenclatura de *nomen generalis* (“nome genérico”) faz referência, no tratado de Prisciano, aos pronomes, categoria que, na gramática antiga, era considerada um subtipo dos nomes, por realizar funções próprias dos nomes. Daí eles podem ser indefinidos (*infinita*), interrogativos (*interrogatiua*), anafóricos (*relatiua*) ou correlativos (*redditiua*).

14. Cf. *Et notandum, quod non solum aduerbia, sed etiam nomina loco aduerbiorum, ut dictum est, posita frequentissime inuenimus cum uerbis. Et quomodo supra dicta generalia nomina sunt infinita uel interrogatiua uel relatiua uel redditiua, sic aduerbia quoque inueniuntur, ut nomen infinitum quis et aliquis, aduerbium aliquo et alicunde et alicubi et aliqua; nomen interrogatiuum et relatiuum qualis, ποῖος καὶ ὁποῖος, et quot, πόσοι καὶ ὅποσοι, similiter aduerbium interrogatiuum et relatiuum [qualiter] ποίως καὶ ὁποίως ὑτ πῶς καὶ ὅπως, quotiens, ποσάκις καὶ ὁσάκις; nomen redditiuum talis et tot aduerbium taliter et totiens.*

Também se deve notar que, muito frequentemente, encontramos empregados com verbos não somente os advérbios, como já dissemos, mas também os nomes, no lugar dos advérbios. E assim como os nomes genéricos¹³ ditos acima são indefinidos, interrogativos, anafóricos ou correlativos, assim também são encontrados os advérbios, como o nome indefinido *quis* e *aliquis*, os advérbios *aliquo* e *alicunde* e *alicubi* e *aliqua*; nomes interrogativos e anafóricos *qualis*, *ποῖος* e *ὁποῖος*, e *quot*, *πόσοι* e *ὅποσοι*; de forma semelhante, os advérbios interrogativos e anafóricos [*qualiter*], *ποίως* e *ὁποίως*; *ut*, *πῶς* e *ὅπως*; *quotiens*, *ποσάκις* e *ὁσάκις*, o nome correlativo *talis* e *tot*; os advérbios *talis* e *totiens*.¹⁴ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 132,1-10)

Na passagem acima, observamos uma dupla comparação: uma interna, que confronta advérbios latinos aos (pro)nomes, e uma externa, que confronta (pro)nomes e advérbios latinos às mesmas categorias em grego. Assim, no primeiro plano, Prisciano traça um paralelo entre os tipos de “nomes genéricos” latinos e suas formas adverbiais correspondentes (*qualis/qualiter*; *tot/quotiens* etc.); no segundo, a correspondência entre essas mesmas palavras no latim e no grego (*qualis/ ποῖος* e *καὶ ὁποῖος*; *quot/ πόσοι* e *ὅποσοι*; *qualiter/ ποίως* e *ὁποίως* etc.).

É importante notar que, em cada uma das comparações entre as duas línguas, o gramático apresenta apenas um elenco de itens lexicais, sem desdobramentos explicativos, evidenciando, talvez, para o leitor, ou aquela presumida correspondência entre o grego e o latim, que configura a crença de que ambas são línguas por demais aparentadas – o que dispensaria maiores desdobramentos explicativos –, ou o artifício didático de que a simples comparação seria o suficiente para que o estudante de latim, falante de grego, reconhecesse, com maior facilidade, a homologia entre as estruturas apresentadas. A nosso ver, num caso como em outro, trata-se, evidentemente, de artifício argumentativo, fato que poderia reforçar a validade e generalidade da regra

gramatical apresentada. Tal artifício, sem dúvida, é central na organização do tratado de Prisciano e, de certa forma, absolutamente ausente daquele que é tomado como seu modelo, Apolônio.

Outras passagens em que a comparação entre as línguas grega e latina se apresenta também como simples “inventário” de formas são as seguintes:

Por que *nostras* [“do nosso país”] e *uestras* [“do vosso país”] derivam somente de seus plurais, tanto entre nós quanto entre os gregos ἡμεδαπός e ὑμεδαπός? Deve-se responder a isso que se fazem somente do plural porque a pátria pertence a muitos indivíduos, não a um.¹⁵ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 179,1-4)

Nós, porém, também não podemos apor a uma primeira ou segunda pessoas no plural o pronome de terceira pessoa citado acima, *i.e. sui, sibi, se, a se*, pois essa palavra está no singular (embora se possa tomar também no plural) e nem entre os gregos, nem entre nós, pode ser aposta à primeira ou à segunda pessoas. E do mesmo modo que tomamos o singular simples também no lugar do composto para todas as pessoas, assim também o plural simples, como *mei causa facio* [“ajo por minha causa”] ἑμαυτοῦ χάριν ποιῶ e *nostrī causa facimus* [“agimos por nossa causa”] – ἡμῶν (em vez de ἑαυτῶν) χάριν ποιούμεν.¹⁶ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 180,25-181,5)

No primeiro excerto acima, observamos a citação do grego como mecanismo de explicação gramatical análogo ao que apresentamos no exemplo anterior: os vocábulos gregos, citados após os latinos, apresentam equivalência gramatical que, possivelmente, tem vistas a uma clarificação maior para os aprendizes de latim que conheciam o grego ou à ilustração de certa identidade entre as duas línguas. No segundo, porém, a exemplificação em grego e latim é o desfecho de uma explicação preliminar. Esse último excerto exemplifica o caso em que o contraste (que aqui, igualmente, revela a identidade entre uma e outra língua) comparece no texto como espécie de “corolário” para uma questão particular. O segundo exemplo oferece, também, diferentemente dos anteriores, sentenças completas inventadas (*orationes fictae*¹⁷), em vez de simples elenco de itens lexicais.

15. Cf. *Solis pluralibus tam apud nos quam apud Graecos ἡμεδαπός et ὑμεδαπός deriuntur? Ad quod dicendum, quod ideo a solis pluralibus fiunt, quia patria ad plures pertinet, non ad unum.*

16. Cf. *Nos autem nec in plurali numero possumus apponere primae uel secundae personae supra dictum tertiae personae pronomem [id est sui, sibi, se, a se], quia et singularis est uox, quae nec apud Graecos apponitur primae uel secundae personae nec apud nos, quamuis etiam pro plurali accipiatur. Et quomodo simplex singulare accipimus etiam pro composito per omnes personas, sic etiam simplex plurale, ut mei causa facio, ἑμαυτοῦ χάριν et nostrī causa facimus, ἡμῶν (ἀντὶ τοῦ ἑαυτῶν) χάριν ποιούμεν.*

17. Chamamos de *orationes fictae* ou de *exempla ficta* aquelas sentenças formuladas exclusivamente pelo gramático para ilustrar o fenômeno apresentado, e não extraído ou adaptado de fontes literárias. Na passagem em questão, são *exempla ficta* as sentenças: *mei causa facio* [“ajo por minha causa”] – ἑμαυτοῦ χάριν ποιῶ – e *nostrī causa facimus* [“agimos por nossa causa”]. Um índice completo dos *exempla ficta* no *De constructione* pode ser encontrado em Baratin, 2010, p. 311.

Comparações entre construções das duas línguas do tipo “inventário” são também aquelas em que Prisciano cita passagens de autores do cânone para os mesmos fins apresentados: o reforço da identidade greco-romana e/ou a ilustração de dado tópico discutido. Nesses casos, em geral, as citações de autores se apresentam ao final de determinada explicação gramatical, frequentemente após exemplos inventados (*exempla ficta*) e outros desdobramentos teóricos. Em geral, parecem encerrar a questão como espécie de “chave de ouro” em que, a par da mera ilustração com dados do repertório literário greco-romano, o autor parece recorrer ao princípio da *auctoritas* para conferir credibilidade às suas análises. Como a análise das citações literárias requer um tratamento específico, não nos aprofundaremos nesse tipo de comparação entre o grego e o latim, apenas citaremos uma ocorrência, a título de ilustração do fenômeno:

Contudo, encontram-se autores que fazem uso de licenças frequentes e empregam também outros verbos na primeira ou segunda pessoas unidos a nomes, como Homero:

Φοῖβοι Ἀπόλλωνα χρυσόορον, ὅς σε πάρος γε ρύομαι.

[“Febo Apolo, de espada de ouro, que te protejo costumeiramente” – Homero, *Il.* 15, 256-257].

Eurípedes, em *Hécuba*:

ἦκω νεκρῶν κευθμῶνα καὶ σκότου πυλας λιπῶν Πολύδωρος
[“Eis-me, aquele que deixa o antro dos mortos e os portais das trevas, Polidoro” – Eurípedes, *Hec.* 1-3]

O mesmo nas *Bacantes*:

ἦκω Διὸς παῖς τήνδε Θηβαίαν κατὰ Διόνυσος,
[“Eis-me, o filho de Zeus, sobre essa terra tebana, Dioniso” – Eurípedes, *Bacch.*, 1-2]

Em Tucídides:

ἦκω Θεμιστοκλῆς παρὰ σέ,
[“Eis-me, Temístocles, ao teu lado” – Tucídides, *Hist.* 1, 137,4]

Em todos eles está ausente [a primeira pessoa] *ego*. Em latim, também, como em Juvenal IV:

*Nam cum sis conuiua mihi promissus, habebis
Euandrum, uenies Tirynthius aut minor illo
hospes,*

[“De fato, como me és enviado como conviva, terás um Evandro, virás como o herói de Tirinto ou como aquele outro hóspede menor” – Juvenal, *Sat.* 11, 60-62).

Está ausente, de fato, [o pronome] *tu*.¹⁸
(Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 151,14-152,6)

Prisciano utiliza os exemplos extraídos da literatura grega e latina para ilustrar a discussão teórica sobre a relação entre nomes e verbos realizada nos parágrafos anteriores. Na discussão precedente, o gramático havia examinado a relação entre nomes e seus acidentes verbais a partir do conceito de *consequentia* (“homogeneidade formal”, “concordância”), demonstrando, com exemplos inventados, casos em que essa regra não é seguida, como, por exemplo, em *Priscianus scribo* (em que, de fato, a um verbo de primeira pessoa do singular corresponde um nome de terceira). É o que o autor pretende demonstrar, ao final, com os exemplos da literatura.

De fato, em cada um dos exemplos gregos, os verbos em primeira pessoa (ἤκω – “eu chego”) relacionam-se com termos em terceira pessoa: “Polidoro, aquele que deixa o antro dos mortos...” (λιπῶν κευθμῶνα νεκρῶν... Πολύωρος); “filho de Zeus” (Διὸς παῖς) e “Temístocles” (Θεμιστοκλῆς). Em todos eles, nota-se também a ausência da realização do pronome pessoal ἐγώ. Por extensão, é o mesmo que ocorre no exemplo latino, quando o verbo de segunda pessoa (*es*) se refere a um termo de terceira (*conuiuia promissus*, “convidado enviado”), estando ausente o pronome *tu*.

18. Cf. *quamuis auctores inueniantur licentia solita utentes et aliis quoque uerbis primae uel secundae personae coniungentes nomina, ut Homerus: Φοῖβοι Ἀπόλλωνα χρυσάορον, ὅς σε πάρος γε ῥύομαι, Euripides in Hecuba: ἤκω νεκρῶν κευθμῶνα καὶ σκότου πυλᾶς λιπῶν Πολύωρος idem in Bacchis: ἤκω Διὸς παῖς τήνδε Θηβαίαν κατὰ Διόνυσος, Thucydides: ἤκω Θεμιστοκλῆς παρὰ σέ, in quibus omnibus deest ego; nostri quoque, ut Iuuenalis in IIII:*

‘Nam cum sis conuiuia mihi promissus, habebis Euandrum, uenies Tiryntius aut minor illo hospes,’ deest enim tu.

ANÁLISES TRANSLINGÜÍSTICAS

Exemplos de análises translíngüísticas são aquelas em que Prisciano se debruça sobre questões sistêmicas idiossincráticas da língua latina, ausentes em grego e, portanto, jamais tratadas por Apolônio e, para avaliá-las, recorre à comparação ou contraste com a língua grega. Mostraremos, a título de exemplificação, a maneira como Prisciano, no âmbito da sua sintaxe, confere tratamento 1) à ausência de artigos em latim; 2) à descrição particular dos participios gregos e latinos; e 3) às particularidades morfológicas dos pronomes reflexivos. Veremos que tais confrontos põem

19. Dada a extensão desse trabalho, não é nossa meta oferecer uma comparação entre Apolônio e Prisciano, o que realizamos, em parte, em nossa tese (2012) e, em parte, é também realizado por Schmidhauser (2009). O objetivo aqui é apenas verificar como o grego e o latim são associados na construção de um discurso teórico em Prisciano.

20. Quintiliano, *Inst. or.*, I, 4, 19: *noster sermo articulos non desiderat ideoque in alias partes spargunt...* (“nossa língua não requer artigos, e, por isso, suas funções se dividem em outras partes”); Carísio, *Char.*, GL I, 247: *articulo, id est, τῶ ἄρθρῳ, deficiente supplerent, sed quia uidebant aduerbium esse non posse, segregauerunt...* (“[os gregos] completaram com os artigos, i.e., τῶ ἄρθρῳ, ausente [entre os romanos], mas porque viram que não podia ser um advérbio, o separaram...”); Donato, *Ars*, GL IV, 385, *Latini articulum non adnumerant, Graeci interiectionem...* (“os latinos não contam [entre as partes] o artigo, os gregos, a interjeição...”).

21. Prisciano, *Inst. gram.* II, GL II, 53, 27: *Quidam autem nouem dicebant esse partes orationis, appellationem addentes separatam a nominibus, alii etiam decem, infinita uerba seorsum partem ponentes, alii undecim, qui pronomina, quae non possunt adiungi articulis, per se numerabant. His alii addebant etiam uocabulum*

em relevo a diferença entre as duas línguas e, por conseguinte, a diferença entre a sintaxe de Apolônio e a de Prisciano.¹⁹

O reconhecimento de que a língua latina não possuía artigos era, à época de Prisciano, fato havia muito consolidado entre os gramáticos latinos,²⁰ do qual Prisciano, de certa forma, também não se eximia.²¹ Por outro lado, a maior parte do livro I do tratado de Apolônio Díscolo devotou-se à análise da sintaxe dos artigos gregos, sejam aqueles chamados pelo gramático de “artigos prepositivos” (ἄρθρα προτακτικά) – equivalentes ao que modernamente chamamos, ainda, de “artigos.

A maneira como Prisciano trata da ausência de artigos em latim no *De constructione* configura um procedimento de análise comparativa translinguística, pois se busca identificar e avaliar, no interior do sistema latino, as correspondências ou compensações para a lacuna representada pela ausência daquela categoria na língua latina:

O artigo traz ao conhecimento, pela segunda vez, os termos já dados. Se, de fato, eu disser: ἄνθρωπος ἦλθεν [“um homem foi”], apresento-o pela primeira vez; se, entretanto, disser ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν [“o homem foi”], seria já pela segunda. Porém, a língua latina carece de artigos prepositivos. O pronome *hic*, que os gramáticos, na declinação dos nomes, colocam no lugar do artigo prepositivo, nunca significa o mesmo que o artigo numa oração.

Apenas um pronome composto é encontrado entre nós: *idem*, que reforça a ideia da mesma pessoa, cuja interpretação, entre os gregos, o pronome tem por meio do artigo: ὁ αὐτός. Além disso, entre eles, com efeito, são duas partes da oração: ὁ, que é um artigo prepositivo, e αὐτός, que é um pronome relativo. Entre nós, porém, é uma parte composta por *is* e *demum*, que, por apócope, torna-se *dem*, da mesma forma que tomamos *exin* por *exinde* e *dein* por *deinde*.²² (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 124, 14-125, 3)

De fato, a teorização gramatical de Apolônio Díscolo dava conta da existência da categoria dos artigos, que, em grego, compreendiam não somente os determinantes (ὁ, ἡ, τό), mas também categoria hoje conhecida como “pronomes relativos” (ὅς, ἣ, ὅ), visto que, naquela língua, uma e outra

apresentavam grande identidade morfológica. Prisciano observava que, muitas vezes, a ausência desse determinante na frase latina é compensada pela utilização do demonstrativo de primeira pessoa (*hic*), embora nem todos os seus usos recubram inteiramente as funções dos artigos prepositivos gregos. Essa explicação evidencia uma análise mais refinada, que leva em consideração as particularidades das duas línguas: trata-se, com efeito, de um desdobramento analítico da obra de Prisciano, que, embora revele e reforce, em muitos casos, a “identidade” entre o grego e o latim, não oblitera inteiramente as idiosincrasias de cada uma das línguas. É o que podemos verificar na sequência:

Qui, porém, que se traduz ὅστις (um artigo subjuntivo com um nome indefinido, entre eles [os gregos]; entre nós [os latinos], porém, é uma parte simples e única, anafórica, correspondendo ao *quis* interrogativo ou indefinido), pode ser tomado no lugar do artigo subjuntivo, da forma como também os gregos, com muita frequência, empregam τὸ ὅστις no lugar do artigo subjuntivo ὅς, a não ser em expressões partitivas; nelas, com efeito, nem nós empregamos *qui*, nem eles ὅστις.²³ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 125,4-9)

Nesta segunda passagem, Prisciano segue examinando as diferenças entre o grego e o latim quanto aos artigos. Embora não negue inteiramente a “identidade” entre as duas línguas – haja vista, por exemplo, a correspondência de expressões apresentadas (*qui*/ὅστις) – a análise dá margem à constatação da diferença entre elas (*qui* é simples e única, ao passo que ὅστις é uma expressão composta). Essa mesma análise comparativa, que estamos chamando de “translinguística”, fica ainda mais clara na sequência do raciocínio:

Eles, porém, fazem uso do artigo subjuntivo, ao passo que nós ora usamos pronomes, ora nomes, como, em vez de: τῶν ἀνθρώπων οἱ μὲν εἰσιν ἀγαθοί, οἱ δὲ πονηροί [“dos homens, uns são bons, outros maus”], dizemos: *hominum hi sunt boni, illi mali* [“dos homens, estes são bons, aqueles, maus”] ou *alii sunt boni, alii mali* [“uns são bons; outros, maus”]; em vez de: τῶν

et interiectionem apud Graecos, quam nos adhuc seruiamus, apud Latinos uero articulum addebant, quem purum per se apud eos non inueniri supra docuimus. (“Porém, alguns diziam ser nove as partes da oração – acrescentando o nome comum separado dos nomes –; outros, porém, dez – colocando os verbos infinitos numa parte separada –; outros, onze – que contavam os pronomes, que não podem adjungir-se aos artigos. Outros deles ainda acrescentavam a interjeição, a qual nós conservamos aqui, existindo, entre os gregos, em relação aos latinos, a categoria dos artigos a mais, a qual, conforme ensinamos acima, não se encontra pura em latim”).

22. *Cf. Articulus secundam notitiam suppositorum demonstrat. Si enim dicam ἄνθρωπος ἦλθεν, primam notitiam ostendo; sin ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν, secundam. Deficit autem praepositivus articulus lingua Latina. Nam pronomen 'hic', quod grammatici in declinatione nominum loco praepositivi, ut dictum est, ponunt articuli, numquam in oratione sensum articuli habet. Vnum solum pronomen compositum inuenitur apud nos, τὸ 'idem', quod secundam notitiam eiusdem personae significat, cuius interpretatio apud Graecos cum praepositivo articulo relatiuum pronomen habet, ὁ αὐτός. Et apud illos quidem duae partes orationis sunt ὁ αὐτός, ὅ, quod est articulus praepositivus, et αὐτός, quod est pronomen*

relatiuum, apud nos uero una pars est composita ab 'is' et 'demum' per apocopen 'um', quomodo 'exin' pro 'exinde' et 'dein' pro 'deinde'.

23. Cf. *Qui uero, quod interpretatur ὅστις (quod est subiunctiuus articulus cum nomine infinito apud illos, apud nos uero una pars est simplex, quae relatiua est τοῦ quis infiniti uel interrogatiui, potest subiunctiui loco articuli accipi, quomodo et Graeci τὸ ὅστις frequentissime ponunt loco ὅς articuli subiunctiui, nisi in diuidendis: in illis enim nec nos qui nec illi ὅστις ferunt.*

24. Cf. *Sed illi articulis subiunctiuus utuntur, nos uero pronominiibus uel nominibus, ut τῶν ἀνθρώπων οἱ μὲν εἰσιν ἀγαθοί, οἱ δὲ πονηροί; nos dicimus 'hominum hi sunt boni, illi mali' uel 'alii sunt boni, alii mali'; τῶν δύο Αἰάντων ὅς μὲν Τελαμῶνος, ὅς δὲ Οἰλέως υἱὸς ἐγένετο, 'duorum Aiacum alter Telamonis, alter Oilei filius fuit' uel 'hic Telamonis, ille Oilei filius fuit'*

25. Uma análise micro-textual, que considere elementos intrínsecos ao texto, tais como a recorrência de certos vocábulos e sua relação com os conceitos gramaticais, precisa ainda ser realizada. Parcialmente, uma análise desse tipo já se encontra em Biville (2008).

26. Cf. *Participiis quoque, quae tertiae sunt personae, quomodo nomina, substantiua bene sociamus uerba, ut possint loco trium uerbi personarum fungi, ut amatus sum, es, est, doctus*

δύο Αἰάντων ὅς μὲν Τελαμῶνος, ὁ δὲ Οἰλέως υἱὸς ἐγένετο [“dos dois Ajax, um foi filho de Telamon, outro de Oileu”], dizemos: *'duorum Aiacum alter Telamonis, alter Oilei filius fuit'* ou *'hic Telamonis, ille Oilei filius fuit.'*²⁴ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 125,9-14)

Se repassarmos diante dos olhos as três partes da argumentação apresentadas nas últimas citações, poderíamos sintetizá-las da seguinte maneira: 1) primeiro Prisciano oferece a definição de Apolônio para os artigos, frisando, em seguida, sua ausência em latim; 2) oferece explicações de estruturas convencionalmente aceitas como equivalentes aos artigos gregos, reconhecendo, porém, as diferenças entre umas e outras; 3) para reforçar as diferenças, analisa, então, um ângulo mais específico da utilização de artigos (sua ocorrência em expressões partitivas gregas e latinas), citando, em seguida, exemplos de ambas as línguas.

Esse esquema reproduz, portanto, ainda que em pequena escala, o procedimento de construção macrot textual presente em todo o tratado, iniciando com definições gerais, seguindo aprofundamentos de questões particulares, e, finalmente, exemplos.²⁵ Mais que isso, Prisciano oferece uma análise comparativa entre o grego e o latim, para dar conta de uma diferença específica entre as duas línguas.

O mesmo tipo de análise é o que verificamos na passagem abaixo, em que Prisciano examina as construções de participios gregos e latinos:

Também associamos os verbos substantivos, com justiça, aos participios, que, como os nomes, são de terceira pessoa, para que possam empregar-se no lugar das três pessoas do verbo, como *amatus sum/es/est* [“fui/foste/foi amado”], *doctus sum/es/est* [“fui/foste/foi instruído”]. Essas [as pessoas do verbo], se faltarem, em seu lugar se empregam nomes indefinidos de substância acompanhados de um verbo, como *ego sum qui amor* [“sou eu quem é amado”], isto é, ὁ φιλούμενος, ou *tu es qui amasti* [“és tu quem amaste”], isto é, ὁ φιλήσας. Tais participios, de fato, estão ausentes de nossa língua.²⁶ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 154,3-7)

Para Prisciano, é fato a constatação de que aos dois participios latinos, por exemplo, *amans* [presente e ativo:

“que ama”) e *amatus* [passado e passivo: “que é amado”], correspondem, no mínimo, as quatro formas gregas: a forma presente e ativa (ὁ φιλῶν); presente e passiva (ὁ φιλούμενος); passada²⁷ e ativa (ὁ φιλήσας); passada e passiva (ὁ φιλουθείς) – o que obriga o gramático a pensar sobre as formas correspondentes que não existem em latim (presente passivo e passado ativo), para as quais as soluções encontradas são as perífrases construídas com a associação de um (pro)nome indefinido (*qui*) e um verbo médio-passivo no presente (*amor*) e ativo no passado (*amasti*). Tais torneios gramaticais comprovam o procedimento que queremos frisar: não se apontam correspondências biunívocas de cada detalhe gramatical entre as línguas grega e latina – casos em que Prisciano oferece uma análise que leva em conta aspectos particulares de ambas as línguas, o que configura uma comparação. Esse procedimento propõe-se, portanto, não somente para sustentar semelhanças, mas, no mais das vezes também, para confrontar diferenças entre as línguas.

O mesmo ocorre com a não equivalência morfológica entre pronomes gregos e latinos: embora os sistemas pronominais, em linhas gerais, guardem correspondências nas duas línguas, quando vistos no detalhe, todavia, apresentam particularidades que o gramático não se furta a examinar:

Também se deve saber que os gregos, de fato, fazem uso dos pronomes compostos quando há passividade reflexiva, isto é, ἰδιοπαθεία, como ἐμαυτὸν διδάσκω, σαυτὸν διδάσκεις, ἐαυτὸν διδάσκει [“eu me ensino”/ “tu te ensinas”/ “ele/a se ensina”]. Eles fazem o mesmo também quando relacionam, transitivamente, um possuidor e uma coisa possuída,²⁸ isto é, eles fazem uso de um genitivo composto do pronome no lugar de um oblíquo de posse, como τοῦ ἐμαυτοῦ οἴκου ἀντιποιούμεαι [“faço valer meus direitos sobre a minha própria casa”] τὸν σαυτοῦ δούλον τύπτεις [“tu bates em teu próprio escravo”], τὸν ἐαυτοῦ υἱὸν παιδεύει [“ele/a educa o seu próprio filho”].

Em vez de tudo isso, os latinos utilizam pronomes simples, seguindo Homero, que utiliza em toda parte pronomes simples também no lugar de compostos: *mei misereor* [“compadeço-me de mim”] e *mei filii misereor* [“compadeço-me de meu filho”]; *mibi noceo* [“prejudico a mim”] e *mei filio noceo* [“prejudico a

sum, es, est. Quae si deficiant, infinita pro his subeunt nomina substantiae cum uerbo, ut ego sum, qui amor, id est ὁ φιλούμενος uel tu es, qui amasti, id est ὁ φιλήσας; haec enim desunt apud nos participia.

27. De fato, o exemplo oferecido por Prisciano representa, mais especificamente, o particípio aoristo grego, que corresponderia, *grosso modo*, ao particípio passado latino, já que não se faz a distinção entre os aspectos perfeito e aoristo em latim, como se faz em grego. Para simplificar a comparação, estamos considerando-o simplesmente como particípio passado.

28. Literalmente, a frase *in possessionem transitione facta a possessore* indica que uma “transição é feita de um possuidor para uma coisa possuída”, deixando transparecer a metáfora segundo a qual a transitividade verbal é entendida como um movimento da ação verbal de um termo a outro, intermediado pelo verbo.

29 Cf. *Et sciendum, quod Graeci quidem compositis utuntur pronomibus in sui passione, id est ἰδιοπαφεία, ut ἑμαυτὸν διδάσκα, σαυτὸν διδάσκεις, ἑαυτὸν διδάσκει.*
Et hoc idem etiam in possessionem transitione facta a possessore faciunt, id est genetiivo composito primitiui pronominis utuntur pro obliquo possessionis, ut τοῦ ἑμαυτοῦ οἴκου ἀντιποιούμαι, τὸν σαυτοῦ δούλον τύπτεις, τὸν ἑαυτοῦ υἱὸν παιδεύει. Pro his autem omnibus Latini simplicibus utuntur pronomibus Homerum sequentes, qui simplicibus ubique etiam pro compositis utitur pronomibus: mei misereor et mei filii misereor; mihi noceo et mei filio noceo; me accuso et mei filium accuso.

meu filho”]; *me accuso* [“acuso-me”] e *mei filium accuso* [“acuso a meu filho”].²⁹ (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 167, 2-11)

Mais do que meras diferenças de interpretação morfológica dos pronomes latinos e gregos (os pronomes reflexivos gregos são considerados compostos e os latinos, simples), a passagem deixa transparecer também nuances de uso que separam as duas línguas. Em primeiro lugar, a análise dos pronomes reflexivos gregos (ἑμαυτόν|σ (ε)αυτόν|ἑαυτόν) como palavras compostas – provavelmente por conta dos pronomes pessoais e do pronome αὐτόν – em oposição às formas simples latinas (*me/se*). Em segundo, pelo registro de um uso homérico, ainda que raro e limitado, em que se empregam formas simples, tal como no latim. Tais comentários revelam um exercício de raciocínio translíngüístico que leva em conta aspectos do grego e do latim com vistas à compreensão de fenômenos sintáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação frequente de contrastes e comparações de aspectos gramaticais do grego e do latim parece sublinhar uma identidade entre os dois sistemas sintáticos, sem, no entanto, anular as diferenças entre uma língua e outra. De forma ampla, a mera aposição de elementos gregos e latinos e a apreciação conjunta de fenômenos codificados em grego e latim parecem, justamente, ressaltar o fato de que são línguas aparentadas – reforçando, por isso, a teoria do *utraque lingua*. No entanto, quando visto no detalhe, percebemos o esforço que Prisciano empreende para dar conta das diferenças entre as línguas, conforme apresentamos nos exemplos que configuram análises translíngüísticas.

Embora, ao longo do *De constructione*, Prisciano não se refira especificamente às comparações entre as línguas como metodologia particular, nem mesmo ao lugar e à função das diferenças apontadas, apenas registrando, em sua introdução – citada na epígrafe desse trabalho – ter sido sua meta buscar em autores gregos e latinos o material

para a elaboração de suas reflexões, inserindo também aí elementos novos, esse *modus operandi* parece ficar claro, no entanto, quando nos debruçamos sobre as ocorrências particulares aqui apresentadas (entre inúmeras outras da obra).

Em particular, as análises translinguísticas no *De constructione* não revogam inteiramente a premissa do *utraque lingua* – a compreensão de que uma língua, no geral, seja correspondente à outra –, mas revelam aspectos idiossincráticos do grego e do latim, que, na obra de Prisciano, parecem culminar na construção de um tratado sintático “greco-romano”. As diferenças apontadas parecem, justamente, frisar que aquilo que o autor apresenta, se não é somente língua latina, não pode tampouco ser tomado como o mesmo que os gramáticos gregos, como Apolônio Díscolo e Herodiano, apresentaram.

Assim, sua sintaxe é resultado de uma interseção entre as duas línguas, aparentemente motivada por uma situação sociolinguística específica (ensino de latim para falantes de grego), mas que parece representar não somente uma estratégia explicativa dos fenômenos em questão, mas também, de forma ampla, um recurso argumentativo, que ao por lado a lado as duas línguas, parece sublinhar a unidade entre os dois lados do império, em uma espécie de “síntese”, questão que, no entanto, merecerá uma reflexão mais aprofundada futuramente:

Todos esses fenômenos de paralelismo, identidade, transferência, comunidade de bens e reversibilidade, concorrem para formar uma entidade que não se deve propriamente dizer grega nem latina, mas que se encontra na interseção das duas línguas, enquanto lhe sobrepõe. É nisso que reside o “núcleo duro” do bilinguismo. O grego e o latim estão tão intimamente ligados na prática linguística e na reflexão gramatical de Prisciano, que se pode, sem dificuldade, passar espontaneamente de uma língua a outra, que acabam por se tornar uma mesma coisa, por constituir uma entidade que vai além da especificidade das duas línguas e das duas culturas. Assim, encontra-se realizado o ideal cultural do *tertium ex utroque compositum*, da “terceira via”, resultado da síntese das duas outras. (Biville, 2008, p. 48)³⁰

30. “Tous ces phénomènes de parallélisme, de similitude, de transfert, de communauté de biens et de réversibilité concourent à former une entité qui n'est plus à proprement parler ni grecque ni latine, mais qui se trouve à l'intersection des deux langues, tout en se superposant à elle. C'est en cela que réside le 'noyau dur' du bilinguisme. Le grec et le latin sont si intimement liés dans la pratique linguistique et dans la réflexion grammaticale de Priscien, qui peut sans difficulté passer spontanément d'une langue à l'autre, qu'ils finissent par ne faire plus qu'un, par constituer une entité qui dépasse la spécificité des deux langues et des deux cultures. Ainsi se trouve réalisé l'idéal culturel du *tertium ex utroque compositum*, de la 'troisième voie', issue de la synthèse des deux autres [...]”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEXTOS ANTIGOS

APOLÔNIO DÍSCOLO. *De la construction*. Introdução, texto e tradução de J. Lallot. Paris: Vrin, 1997.

APOLLONIUS DYSCOLUS. *Appolonii Dyscoli quae supersunt*. In: SCHNEIDER, R. & UHLIG, G. *Grammatici Graeci*, 1-3. Leipzig: Teubner, 1878-1910 (republicado: Hildesheim: Olms, 1965).

CARÍSIO. *Charisii artis grammaticae libri*. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, I, 1-296. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

DONATO. *Donati ars maior*. In: KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini*, IV, 367-402. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

MACRÓBIO. *De differentiis et societatibus Graeci Latini quae supersunt*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*, V, 599-629. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

PRISCIANO. *Institutionum grammaticarum libri XVII & XVIII*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

QUINTILIANO. *M. Fabii Quintiliani Institutionis oratoriae libri duodecim*. Edição de M. Winterbottom. Oxford: Clarendon, 1989, 2 v.

VARRÃO. *De lingua Latina*. Edição de M.-A. M. Casquero. Barcelona/Madrid: Ánthropos/Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

_____. *M. Terenti Varronis De lingua Latina quae supersunt*. Edição de G. Goetz. Leipzig: Teubner, 1910.

TEXTOS MODERNOS:

BALLAIRA, G. *Prisciano i suoi amici*. Turim: G. Giappichelli, 1989.

BIVILLE, F. Les *Institutions* de Priscien, une grammaire et une culture bilingues, in: Brunet, C. (org.). *Des formes et des mots chez les Anciens*. Presses Univ. Franche-Comté, 2008

CAMERON, A. Education and Culture. In:_____. *The Byzantines*. Oxford: Blackwell, 2009.

CAMERON, A. Poetry and literary culture in Late Antiquity. In: SWAIN, S. & EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity*. The transformations from Early to Late Empire. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BARATIN, M. *La naissance de la Syntaxe a Rome*. Paris: Minuit, 1989.

DESBORDES, F. La fonction du grec chez les grammairiens latins. In: _____. *Idées grecques et romaines sur le langage*. Travaux d'histoire et d'épistémologie. Paris: ENS, 2007, pp. 107-121.

FÖGEN, T. *Vtraque lingua*. A bibliography on bi- and multilingualism in Graeco-Roman Antiquity and in modern times. Essen, 2003.

GARCEA, A. & GIAVATTO, A. Les citations d'auteurs grecs chez Priscien: un premier état de la question. In: *Letras Clássicas*, ano 11, vol. 11. São Paulo: USP, 2007, pp. 71-89.

GIBSON, M. Milestones in the study of Priscianum: *circa* 800 – *circa* 1200. *Viator* 23, 1992, pp. 17-33.

HERTZ, M. *Prisciani Institutionum grammaticarum libri XVII & XVIII*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

HOLTZ, L. *L'émergence de l'oeuvre grammaticale de Priscien et la chronologie de sa diffusion*. In: BARATIN, M. et al. (ed.). *Priscien: Transmission et refondation de la grammaire. De l'Antiquité aux Modernes*. Paris: Brepols, 2009, pp. 37-56.

HINGLEY, R. *O imperialismo romano*. Novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo : Annabume, 2010.

KRHEL, A. *Prisciani Caesarensis grammatici opera*. Vol 2. Leipzig, 1820.

LALLOT, J. *Entre Apollonius et Planude: Priscien passeur*. In: BARATIN, M. et al. *Priscien: Transmission et refondation de la grammaire. De l'Antiquité aux Modernes*. Paris: Brepols, 2009, pp. 153-166.

LEMERLE, P. *História de Bizâncio*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3ème édition révisée et augmentée. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MOMIGLIANO, A. *The conflict between paganism and Christianity in the fourth century: essays*. Oxford: Clarendon, 1963.

OIKONOMIDES, N. Administrative language and its public deployment. In: CHRYSOS, E.; WOOD, I. *East and West: Modes of Communication*. Proceeding of the first plenary conference at Merida. Leida: Brill, 1999, p. 47-60.

_____. "L'« Unilinguisme » officiel de Constantinople byzantine (VIIe-XIIe S.) *Symmeikta 13*, Atenas, 1999b, pp. 9-23.

ROBINS, R. H. *The Byzantine Grammarians – their place in History*. Nova York: Mouton de Gruyter, 1993.

ROCHETTE, B. L'enseignement du latin dans la partie hellénophone de l'Empire romain: objectifs, méthodes et étapes. In: TORRES, J. B. (ed.) *De Grecia a Roma y de Roma a Grecia: un camino de ida y de vuelta*. Madri: Pamplona, 2007, pp. 47-63.

SCHÖNBERGER, A. *Priscians Darstellung der lateinischen Pronomina*. Frankfurt am Main: Valentia, 2009

SCHMIDHAUSER, A. *Le De pronomine de Priscien et son modèle grec*. In: BARATIN, M. et al. (ed.). *Priscien: Transmission et refondation de la grammaire. De l'Antiquité aux Modernes*. Paris: Brepols, 2009, pp. 167-180.

SWIGGERS, P. & WOUTERS, A. *Transferts, contacts, symbiose: l'élaboration de terminologies grammaticales en contact bi/plurilingues*. In: COLOMBAT, B. *et al. Bilinguisme et terminologie grammaticale gréco-latine*. Leuven/Paris: Peeters, 2007, pp. 19-36.

TREADGOLD, W. *A history of the Byzantine State and Society*. Stanford, EUA: Stanford University, 1997.

VEYNE, P. *O império greco-romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Recebido em: setembro de 2013

Aprovado em: junho de 2014

